

Autora: MARCONDES, Lea Rocha Lima e,

Título: **Uma leitura da realidade educacional das igrejas evangélicas brasileiras**

Publicação: **VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA PUCPR - PRAXIS, CURITIBA 06 A 08 DE NOVEMBRO DE 2006, ISBN dos Anais: 85-7292-166-4.**

Eixo Temático: Educação e Religião – Painel

Categoria: Igrejas Evangélicas - artigo

Resumo

O presente trabalho faz parte da análise do cenário da dissertação de mestrado da autora sobre formação de professores para igrejas evangélicas e discorre sobre a Escola Dominical¹ (ED), sua origem histórica e inserção no contexto brasileiro. A ED é uma atividade de cunho pedagógico que acontece praticamente em todas as igrejas evangélicas brasileiras e mundiais. Para compreender e analisar o seu contexto atual, é necessário resgatar o seu nascimento e as intenções do seu fundador. As EDs, nas últimas décadas, tem sofrido questionamentos na sua metodologia, currículo, capacitação de professores e resultados. A presente pesquisa discorre sobre estes assuntos com o intuito de refletir acerca da realidade e trazer colaborações a este espaço pedagógico. Faz uma breve leitura das metodologias mais comumente utilizadas e o seu vínculo com propostas curriculares das editoras evangélicas com a intenção de abrir uma discussão acerca das práticas pedagógicas observadas neste contexto. Para uma compreensão maior das dificuldades e necessidades atuais das EDs fez-se uma análise da visão educacional das igrejas evangélicas, investimento na capacitação de pessoas que atuam nas classes dominicais, papel do professor, processo ensino-aprendizagem e também fez-se a apresentação de algumas colocações sobre a proposta das EDs.

Neste trabalho, o termo “igrejas evangélicas” se refere à todas as denominações cristãs que surgiram após os movimentos das reformas vindas da Igreja Católica Apostólica Romana, tais como Luterana, Presbiteriana, Metodista, Episcopais originando as que hoje são chamadas de *igrejas históricas*, e dos Anabatistas, como a Batista, e também aquelas que surgiram posteriormente a partir das históricas, algumas surgidas aqui no Brasil, tais como as pentecostais e neo-pentecostais.

¹ Escola Dominical (ED) ou Escola Bíblica Dominical (EBD) é o espaço pedagógico onde se faz estudos bíblicos com proposta curricular por faixa etária.

Palavras chave:

Igrejas evangélicas, Escola Dominical, capacitação de professores, processo ensino-aprendizagem, currículo de EDs.

1. Breve história da Escola Dominical

A Escola Dominical é uma atividade que acontece aos domingos em praticamente todas as igrejas evangélicas brasileiras. É um momento de estudo bíblico específico para cada faixa etária. A Escola Dominical acontece, na maioria das igrejas evangélicas, no domingo pela manhã num período de cerca de duas horas e algumas tem ED a tarde no horário que antecede o culto noturno. Os membros e visitantes são distribuídos em classes de acordo com a faixa etária ou grupo de interesse: crianças (0 a 12 anos), adolescentes (12 a 15 anos), jovens (15 a 25 anos), casais, senhoras, senhores, crescimento, evangelismo, etc. As crianças são distribuídas em classes por faixa etária mais para facilitar o trabalho do que propriamente por questões pedagógicas ou de aprendizagem. Em algumas congregações², por falta de espaço, elas são agrupadas na mesma sala.

Para fazer uma leitura dos modelos atuais de *Escola Dominical* (ED) ou *Escola Bíblica Dominical* (EBD) é necessário buscar a sua origem, compreender o contexto onde ela surgiu, analisar os movimentos que trouxeram mudança e o que permanece da idéia original. Tanto as igrejas tradicionais históricas, como as Presbiterianas, Batistas, Metodistas e Luteranas quanto as chamadas avivadas ou renovadas como as pentecostais e neopentecostais, têm a Escola Dominical, como parte integrante do seu trabalho ministerial. Hoje ela tem a finalidade de apresentar a proposta de Deus para as pessoas e instruir seus alunos³ na Sua Palavra.

O termo "**Escola Dominical**" foi primeiramente usado pelo jornalista episcopal Robert Raikes, na Inglaterra, a partir de 1780, quando começou a oferecer instrução rudimentar para crianças pobres de sua cidade Gloucester em seu único dia livre da semana: domingo, pela manhã e à tarde, pois a maioria delas, mesmo tendo pouca idade, já trabalhava durante a semana. Compadecido com as crianças que perambulavam, roubavam, viciavam-se e achavam-se sempre envolvidos nos piores delitos, quis dar-lhes um novo e promissor horizonte. Em Gloucester a delinqüência infantil era um problema que parecia insolúvel. Saiu pelas ruas a convidar os pequenos transgressores a que se reunissem todos os domingos para aprender a Palavra de Deus. Juntamente

² *Congregação e comunidade* – termos utilizados neste trabalho como sinônimos de igreja local.

³ No contexto evangélico o termo *aluno* se refere apenas à pessoa que frequenta a EBD, seja ele criança ou adulto e o termo *professor* àquele que ensina nas classes da EBD.

com o ensino religioso, Raikes ministrava-lhes várias matérias seculares: a língua materna - o inglês, leitura, escrita, aritmética, instrução moral e cívica, história, dando início à Escola Dominical, não exatamente no modelo que temos hoje, mas como escola de instrução popular gratuita, o que veio a ser a precursora do moderno sistema de ensino público. As primeiras professoras foram assalariadas por Raikes. Embora tenha começado a trabalhar em 1780, foi somente em 1783, após três anos de oração, observações e experimentos, que Raikes resolveu divulgar os resultados de sua obra pioneira. No dia **3 de novembro de 1783**, Raikes publica, em seu jornal, o que Deus operara e continuava a operar na vida daqueles meninos de Gloucester. Eis porque a data foi escolhida como o dia da fundação da Escola Dominical. Após três anos de experiência com 7 Escolas Dominicais em casas particulares e com 30 alunos em cada uma delas, alcança êxito em seu trabalho com a transformação na vida de suas crianças. A Escola Dominical passou das casas particulares para os templos, os quais passaram a encher-se de crianças. Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical já contava com 250 mil alunos matriculados. Em 1785 Raikes Organiza a primeira União de Escolas Dominicais, em Gloucester, com ajuda de William Fox. Surgem as primeiras Bíblias, Testamentos e Livros para serem usados especialmente nas Escolas Dominicais. Em 1797 somente na Inglaterra chega a mil o número de Escolas Dominicais. Em 1810 o movimento já contava com mais de três mil Escolas Dominicais. Em 1811 começa a separação de classes para que adultos analfabetos, assim como as crianças, também pudessem aprender a ler a Bíblia. O movimento chega a 400 mil alunos matriculados só na Inglaterra. Mal sabia Raikes que estava lançando os fundamentos de uma obra espiritual que atravessaria os séculos e abarcaria o globo, chegando até nós, a ponto de ter hoje dezenas de milhões de alunos e professores, sendo a maior e mais poderosa agência de ensino da Palavra de Deus de que a Igreja dispõe. A Escola Dominical do nosso tempo não é a mesma do britânico inicial, mas do tipo de escola que surgiu na América do Norte muito tempo depois oferecendo um conteúdo curricular bíblico não mais objetivando prioritariamente a aprendizagem da leitura e da escrita de seus alunos e sim o conhecimento bíblico, a edificação espiritual, o discipulado, a integração e a evangelização. (www.escoladominical.com.br)

2. A Escola Dominical no Brasil

A prática da Escola Dominical foi trazida pela primeira vez ao Brasil pelos missionários americanos que vieram trabalhar aqui no início do século XIX. Em 1836 o Rev. Justin

Spaulding, da Igreja Metodista, organiza no Rio de Janeiro, entre estrangeiros, uma congregação com cerca de 40 pessoas e em junho abre uma Escola Dominical com 30 alunos, dos quais alguns eram brasileiros, ensinados na sua própria língua. As reuniões de Escola Dominical antes de 1855, no Rio de Janeiro eram de caráter interno entre os membros da comunidade americana e no idioma inglês. Os missionários escoceses Robert e Sara Kalley são considerados os fundadores da Escola Dominical no Brasil. Em 19 de agosto de 1855, na cidade imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro, eles dirigiram a primeira Escola Dominical em terras brasileiras. Sua audiência não era grande, apenas cinco crianças assistiram àquela aula. Mas foi suficiente para que seu trabalho florescesse e alcançasse os lugares mais retirados de nosso país. Essa mesma Escola Dominical deu origem à Igreja Congregacional no Brasil. Esta data é considerada o dia oficial do início da Escola Dominical no Brasil. (www.escoladominical.com.br)

A ED é uma atividade intrínseca à vida da igreja. A preocupação maior, com as crianças permanece com a força semelhante a da sua origem no século XVIII, mas o foco, a partir do século XIX, se tornou exclusivamente na aprendizagem da Palavra. Permanece ainda a idéia de escola, com professor e aluno, classes e do “dar aulas”, mas o contexto das EDs não é explorado adequadamente como um espaço formador num sentido mais amplo, tanto para o professor quanto para o aluno. Hoje, com os vários modelos de igrejas existentes, (célula, G12, igreja com propósitos, grupos familiares, etc) a ED tem sofrido transformações e em alguns modelos ficou para o segundo plano ou foi abolida. Algumas igrejas tem repensado sua proposta de espaço educador e tem buscado maior aproximação das suas reais necessidades, criando uma metodologia e currículo próprios mais adequados.

3. Material didático e metodologias utilizadas na Escola Dominical

As igrejas evangélicas no Brasil têm se preocupado nas últimas décadas com a qualidade do processo educacional principalmente das crianças, adolescentes e jovens que freqüentam as suas comunidades. A grande maioria dos materiais didáticos específicos para Escolas Dominicais evangélicas veio dos Estados Unidos com os missionários, foram traduzidos e relativamente adaptados à nossa cultura.

Existe hoje no mercado de editoras evangélicas propostas curriculares variadas para todas as faixas etárias. Encontram-se as revistas do professor que contém o programa curricular do ano, os planos de aula com as orientações sobre o que e como fazer as atividades em classe e acompanham as revistas do aluno. Há também pequenos livretos de estudos programados

que podem ser utilizados. Algumas igrejas produzem seu próprio material didático partir do currículo criado por elas mesmas. Outras preferem adotar o material de editora, próprias para cada classe. Comumente a igreja adota um jogo de revistas para todas as faixas etárias por conter a mesma linha pedagógica e um currículo seqüencial.

A maioria dos livros didáticos oferecidos pelas editoras evangélicas são traduções de materiais americanos que trabalham com o modelo educacional onde o aluno escuta e conhece as histórias bíblicas, os personagens e seus feitos, mas há pouca relação significativa com a vida dele. A aplicação bíblica é mais de fundo moralista do que com princípios práticos para a vida. Ele escuta e memoriza textos bíblicos sem compreender seu real significado. O aluno que “aprende” é aquele que sabe vários textos memorizados, que tem facilidade para manusear a Bíblia, que sabe várias histórias bíblicas e que tem um bom comportamento. O aluno é estimulado através de recompensas e prêmios, é dada grande ênfase ao comportamento, principalmente em classe. Esta visão é mais acentuada nas revistas que atendem até a faixa dos adolescentes, os assuntos dos jovens e dos adultos já abordam temas relacionados com suas necessidades e estes podem se posicionar algumas vezes.

É comum os alunos também receberem uma revista com uma seqüência de histórias para cada domingo (normalmente para um trimestre), versículo para memorizar e alguma tarefa para fazer relacionada com a lição. Em igrejas com poder aquisitivo menor, só o professor tem a revista dele e do aluno para seguir o currículo. A revista das crianças que ainda não sabem ler tem poucos escritos e mais figuras ilustrativas sobre o tema que estão trabalhando. O professor utiliza o material exatamente como é proposto na orientação da revista seguindo as atividades sugeridas por ela. Há pouca criatividade e mudanças na forma das aulas. O aluno é passivo com pouco ou nenhum espaço para a reflexão e questionamento, sendo estes encarados muitas vezes como indisciplina. As igrejas tradicionais são mais rígidas nestes aspectos. As igrejas renovadas têm um pouco mais de flexibilidade, mas não encontram direcionamento para mudanças significativas. Fazem uma “maquiagem nova na roupa velha”.

As editoras dos materiais de Escola Dominical oferecem à igreja um “treinamento⁴” sobre como utilizar o material didático vendido. Este treinamento é considerado como curso de preparo de professores. Hoje existe também no mercado editorial livros brasileiros e estrangeiros que auxiliam a montagem de cursos e orientação para EBDs . Existem outros cursos

⁴ Segundo Pinto (p.10, 2002), no termo “treinamento”, o sentido principal é a modelagem de comportamento.

rápidos para ensinar a “dar aulas”⁵. Os materiais da APEC⁶ são os mais difundidos no Brasil sendo utilizados em várias denominações. Ela oferece curso de um ano para professores, no qual trabalham alguns aspectos pedagógicos e doutrinários do cristianismo ensinando também como utilizar os materiais (Marcondes, 2002). A maioria destes materiais tem condução pedagógica de cunho comportamental, que é característica da cultura pedagógica americana.

A dissertação de mestrado da autora (Marcondes, 2005) apresenta a *Abordagem Relacional* como uma nova proposta para a educação as igrejas evangélicas. Esta proposta tem uma visão educacional mais ampla, não só para EDs, mas para todas as pessoas e grupos, principalmente para as lideranças. Tem foco relacional, da pessoa com ela mesma, dela com os outros e dela com Deus e uma aplicação em todos os seus contextos de vida.

4. Visão educacional das igrejas evangélicas brasileiras

As igrejas evangélicas, de um modo geral, têm uma visão semelhante sobre o que é educação. Quando se fala em educação, ela se refere principalmente à Escola Dominical e mais especificamente às classes das crianças e adolescentes (de aproximadamente 2 anos até cerca de 15 anos). Quanto às outras atividades que acontecem na igreja: classe de jovens e adultos, grupos de casais, encontros e até o próprio culto não são vistos como fazendo parte do processo educacional da instituição, mas sim como atividades da igreja. Segundo a autora do presente trabalho, não há compreensão real do que seja educação no sentido mais amplo do termo e muito menos que ela acontece em qualquer faixa etária e em outras atividades fora da Escola Dominical, infantil e juvenil.

Os líderes e responsáveis pela comunidade se referem à importância de educar as crianças, de atraí-las para os princípios de Deus através das suas atividades de aprendizagem. Há uma dicotomia explícita entre a fala e a ação educacional. Fala-se bastante em ensinar e preparar a criança, pois “ela será a igreja de amanhã”, em dar a ela conhecimentos bíblicos para que não se desvie destes ensinamentos, mas a visão da importância do preparo dos professores ainda é pequena ou distorcida em muitas igrejas, assim como o cuidado e adequação das classes e dos materiais

⁵ “dar aulas” - termo utilizado com frequência pelos professores na EBD e está relacionado com um modelo mais tradicionalista de educação onde o professor é detentor do saber.

⁶ Aliança Pró Evangelização de Crianças - Fundada no Brasil em 1940 por Jessé Irwin Overholtzer, missionário americano, veio para realizar uma série de palestras sobre evangelização de crianças e apresentar o seu trabalho que havia sido fundado em 1936 nos EUA. É uma organização interdenominacional que treina e capacita obreiros, desenvolve, produz, distribui materiais didáticos e de apoio e realiza múltiplos ministérios com crianças. A sua proposta pedagógica enfatiza a memorização de versículos e textos bíblicos, a imitação do comportamento dos personagens apresentados na história e a assumir um posicionamento diante de Deus para sua vida. (www.apec.com.br).

utilizados. Conseqüentemente, nestas circunstâncias, o processo pedagógico enquanto tal tem uma reflexão restrita.

Em igrejas com a visão de educação mais restrita, a verba mensal ou anual destinada para a Escola Dominical para compras de materiais e investimento nas classes é mínima ou até inexistente, compram-se apenas as revistas do professor e do aluno. O investimento no espaço pedagógico, tanto físico (classe, materiais, brinquedos) quanto pessoal (cursos para professores e auxiliares) torna-se pequeno, pois não se vê corretamente as necessidades nesta área. Conseqüentemente a compreensão sobre processo ensino-aprendizagem, sobre a epistemologia no contexto religioso e sobre a função pedagógica da igreja como participante da formação do indivíduo é pequena.

Convém ressaltar que os professores são voluntários, leigos em pedagogia e/ou teologia, que se apresentam ou são convocados. A motivação básica destes professores é o entusiasmo pela sua fé e o desejo de compartilhar com os outros a sua vivência com Deus. A maioria deles não tem nenhuma ou tem pouca noção do que é educação, aprendizagem e com freqüência não tem preparo pedagógico. O conhecimento que tem para exercer o papel do professor é decorrente do seu próprio estudo bíblico. A maioria das instituições evangélicas acredita que para ensinar basta o professor ser professo na fé e ter um relacionamento pessoal com Deus⁷, que o que ele conhece acerca da Bíblia é o suficiente para ser professor. É pouco enfatizada a necessidade de preparo pedagógico para assumir uma classe. Este cenário pedagógico tem sido questionado e repensado nos vários contextos evangélicos nas últimas décadas.

De um modo geral o ensino nas igrejas procura levar o aluno ao contato com as grandes realizações bíblicas, fatos, acontecimentos, história dos personagens. A metodologia empregada é mais voltada para o exterior: programas e atividades. A proposta nas aulas e estudos de grupos em qualquer faixa etária é incorporar informações sobre a Bíblia indo das mais simples as mais complexas.

O papel do professor é garantir a aquisição do conhecimento, informações e fatos apresentados para levar o aluno a assumir um compromisso individual e responsável com Deus. O professor repassa e transmite informações para o aluno repetir e reproduzir o modelo. Dono do conhecimento bíblico, o professor, na maioria das vezes, é distante do aluno e o seu papel está ligado à transmissão de conteúdo predefinido. Pelo fato da maioria dos professores das EBDs serem

⁷ Por “*relacionamento pessoal com Deus*” entende-se que a pessoa compreende e assume totalmente a proposta que Deus fez através de seu filho Jesus Cristo para o homem, revê os seus valores a partir dos princípios apontados na Bíblia e passa a viver segundo os mesmos, por livre escolha, sendo portanto uma escolha consciente e lúcida.

leigos na área pedagógica, eles têm pouco conhecimento da natureza da atividade psíquica do aluno, seu desenvolvimento psicológico, cognitivo, emocional e da relação destes com a aprendizagem. Ele é o agente do conhecimento bíblico e trata todos igualmente. O aluno (criança) é mais receptivo do que questionador. Nas classes de jovens e adultos há maior diálogo, mas nas classes de crianças a baixa compreensão do significado do que se fala leva ao desinteresse e à evasão. É dada ênfase na reprodução do conhecimento. As aulas são preferencialmente expositivas e o professor trabalha com figuras, flanelógrafo, relatos, dramatização, retroprojeter (quando há) e quadro negro ou branco.

Nesta visão a educação fundamenta-se em 4 pilares: ouvir, ler, memorizar e repetir, acompanhados de receitas comportamentais prontas, ordem e repetição, valorização da disciplina e obediência, os temas são tratados de forma seqüencial, (cronologia bíblica) ordenada e com pouca relação com os outros campos de conhecimento ou vivência do cotidiano. Os programas e atividades têm prioridade sobre a aprendizagem e há desconhecimento do processo da mesma. O envolvimento emocional e afetivo do professor com o aluno se restringe à sala de aula. O ponto fundamental é o produto da aprendizagem: o que o aluno reteve dos fatos bíblicos e os textos decorados. O conhecimento acontece pela memorização e a aprendizagem pela exatidão na reprodução verbal. Há preocupação com o modelo a ser imitado, os fatos e histórias bíblicas são exemplos para serem seguidos sem a devida contextualização. Convém ressaltar que os professores têm uma dedicação e sinceridade autênticas em relação ao seu desejo de ensinar a Bíblia, recorrem aos seus próprios modelos internos de professor e também às orientações que o material didático que utilizam oferece.

A aprendizagem é avaliada pela memorização e pelo comportamento apresentado não se questionando ou investigando se houve compreensão e significação. Segundo Pozo (2002, p. 211) na aprendizagem mnemônica ou por repetição, os conteúdos estão relacionados entre si de modo arbitrário e carecem de qualquer significado para a pessoa que aprende. As crianças adquirem um bom conhecimento das histórias bíblicas e de seus personagens, mas fazem pouca relação com o cotidiano, com outras áreas de sua vida e com as suas outras aprendizagens. A espiritualidade fica separada do seu contexto de vida.

Este modelo de educação ainda é muito utilizado e tem o seu valor na história das igrejas evangélicas. Ele acompanhava de certa forma, há décadas, o que acontecia na educação secular e não se conhecia outra forma de ensinar. A partir do momento que novos modelos de educação foram surgindo e sendo aplicados no contexto escolar, o modelo aplicado nas igrejas foi

ficando cada vez mais distante da diversidade de estímulos, interesses e envolvimento com a aprendizagem a qual a criança estava exposta fora da igreja. Convém frisar que a análise descrita se refere apenas às questões pedagógicas e metodológicas do ensino utilizado nas igrejas não sendo proposta deste trabalho abordar em momento algum a ação sobrenatural de Deus no processo educacional, independente do método, paradigma⁸ utilizado e formação ou não do professor.

Nas duas últimas décadas do século passado o modelo de educação das EBDs apresentado acima começou a ser questionado e repensado isoladamente por líderes insatisfeitos com os resultados dos trabalhos na EBD. Começou-se a buscar materiais didáticos diferentes, cursos preparatórios para professores e novos recursos.

Líderes de educação cristã evangélica, pastores, líderes de igrejas e professores preocupados com o processo de aprendizagem dos princípios bíblicos e sua adequação ao contexto do aluno têm levantado questionamentos importantes nessa área:

- Como o professor pode ensinar um princípio bíblico que faça sentido ao cotidiano do aluno?
- Como o indivíduo (tanto professor quanto aluno) contextualiza os princípios apontados nas histórias bíblicas para os dias de hoje?
- Saber histórias bíblicas e memorizar versículos ensinam o aluno a ter um relacionamento genuíno com Deus?
- Qual é o significado que os textos memorizados tem na vida do aluno, no seu cotidiano?
- Se o professor tem como um dos objetivos ensinar o aluno a se relacionar com Deus, como é a sua própria relação com Deus? Pois afinal, ele é modelo...

Alguns conceitos educacionais vem sendo construídos a partir de uma prática do ponto de vista brasileiro, que é mais afetivo do que comportamental como a norte americana.

Para Morin (2001, p. 65) a educação deve contribuir para a autofomação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Zabala (2002, p. 45) afirma que formar para um desenvolvimento humano comprometido com a melhoria da sociedade implica uma educação para a complexidade. A educação, segundo Zabala, visa desenvolver a pessoa nas seguintes dimensões:

- **Dimensão pessoal:** aprender a pensar por si mesmo e desenvolver autonomia;

⁸Morin afirma que os paradigmas são princípios ocultos que governam nossa visão de mundo, imperam nas mentes porque instituem conceitos de forma soberana e sua relação lógica governa ocultamente as concepções e as teorias científicas, realizados sob seu império (Morin, 2001, p.114). Capra define os paradigmas como a totalidade de pensamentos, percepções e valores que formam uma determinada visão de realidade (Capra, 1996, p. 25).

- **Dimensão interpessoal:** ser educado para viver junto em comunidade;
- **Dimensão social:** aprender a participar ativamente da transformação da sociedade, ser cidadão consciente da sua participação na construção da história;
- **Dimensão profissional:** ser facilitado o desenvolvimento das suas capacidades profissionais;

A pesquisadora do presente trabalho acrescenta a importância do desenvolvimento da **dimensão espiritual** do indivíduo⁹ no que se refere à busca de resolução de suas questões existenciais e da espiritualidade como referencial de valores humanos e éticos. Segundo a percepção da pesquisadora o acréscimo da dimensão espiritual na educação do indivíduo contribui de maneira significativa à sua organização interna, o auxilia a lidar melhor com seus limites e dificuldades, bem como amplia suas potencialidades. É necessário “tecer junto”: reflexão e ação, espiritualidade e cidadania, educação e construção social através do diálogo entre comunidade e membros, liderança e liderados, professores e alunos, pais e filhos. A visão de Zabala e os aspectos da dimensão espiritual apontados pela pesquisadora seriam o caminho ideal para a construção de uma proposta pedagógica contextualizada no âmbito evangélico. A igreja, juntamente com outras instituições educacionais, tais como família, escola e sociedade, teria o papel fundamental de auxiliar o homem no seu desenvolvimento preparando-o para ser capaz de falar e agir baseado em razão e argumentação justificada e legítima, de forma a poder atender as demandas sociais, culturais, econômicas e éticas do seu meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e, org., **Cursos oferecidos pela APEC**, mimeo, Curitiba, 2005.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e; SEEHABER, Liliana C. **A identidade do ensino religioso, do rito cristão na história da educação brasileira**. Revista Educação em Movimento, Curitiba, v. 3, n. 9, p.17-28, set./dez. 2004.

⁹ O termo *indivíduo* é comumente utilizado no campo da psicologia quando se refere ao sentido generalizado de pessoa, de um ser que é completo em si mesmo e será utilizado nesta dissertação como sinônimo de pessoa.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e, **A formação de professores em educação cristã: uma leitura a partir da experiência com a *Abordagem Relacional***, dissertação de mestrado, PUC- Pr, p.145, Curitiba, 2005.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita – repensar a reforma – reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PINTO, Neuza Bertoni. **Formação continuada: concepções e implicações na profissão docente**. Revista Educação em Movimento, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 8-20, jan./abr. 2002.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sites Pesquisados:

www.apec.com.br

www.escoladominical.com.br